

Quem cala consente: abordagem funcional-construcionista de relativas sem antecedente introduzidas por *quem*

Edvaldo Balduino Bispo^a

Resumo

Neste trabalho, investigamos o uso da oração relativa sem antecedente introduzida por “quem” em adágios populares, a exemplo de “Quem casa quer casa”, considerando suas formas de organização morfossintática, padrões de estrutura argumental instanciados, aspectos semânticos, cognitivos e interacionais a ela relacionados. O estudo é de caráter quali-quantitativo e fundamenta-se teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013) e na Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). O banco de dados desta pesquisa compõe-se de 100 adágios identificados com a ajuda do site de busca Google. Os resultados mostram que a configuração morfossintática das orações que integram os adágios em estudo se relaciona a fatores semânticos (contraponto/jogo de ideias; relação causa-efeito), interacionais (inferência pragmática, inter/subjetividade) e cognitivos (projeções metafóricas e metonímicas).*

Palavras-chave: *Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções. Adágios populares. Relativa sem antecedente.*

*O adágio (ou provérbio ou ditado) popular é uma expressão linguística social e historicamente construída com base na vivência popular. São exemplos: Maria vai com as outras; Em casa de ferreiro, espeto de pau; Quem não fala Deus não ouve; Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Recebido em: 28/02/2020

Aceito em: 08/05/2020

^a Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: edbbispo@gmail.com.

Introdução

Estudos tipológicos, a exemplo de Nichols (1984) e Keenan (1985), revelam diferentes classificações para a oração relativa em função da existência ou não de um núcleo nominal a que ela se vincula ou de sua posição em relação a esse núcleo nominal. Keenan (1985), num trabalho de caracterização dos tipos de cláusulas relativas que as línguas, em geral, apresentam, propõe uma classificação das relativas restritivas em dois tipos: aquele que apresenta um nome domínio (*domain noun*)¹ expresso, assinalando as relativas com antecedente (*headed relatives*); e aquele que não exhibe esse nome domínio ou o exhibe na relativa, marcando as relativas sem antecedente (*headless relatives*).

Em línguas como o inglês e o português, por exemplo, ocorrem esses dois grupos de relativas, conforme ilustram (1a-b) e (2a-b). As orações em destaque em (1a) e (2a) representam relativas com antecedente (“*those students*” e “*investigações*”, respectivamente), ao passo que as destacadas em (1b) e (2b) são relativas sem antecedente, dado que não há elemento nominal a que a oração relativa se vincule.

- (1a) The present study sought to integrate student and teacher perspectives of spelling (across the middle and upper primary school years) to identify: (i) what strategies/approaches to spelling are reported by students who seem to struggle with spelling versus those students **who are progressing beyond year level expectations** [...] ² (COCA, 2020)
- (1b) A chain production organized by an overseer and involving similarly experienced workers would have perhaps been more efficient, and it would have involved remunerating each person individually either by the piece or by the hour. However, in this case, **what happened** (= the thing that happened) was that the artist acted as a leader, convening members of her family to partake in the activities according to their abilities, [...] ³ (COCA, 2020)
- (2a) As revelações, se confirmadas pelas investigações **que ainda serão realizadas**, detonam a versão da ex-presidente Dilma de que jamais tratou de dinheiro

¹ O *domain noun* corresponde à noção de *head noun*, referido por Comrie (1989). Seria ele o núcleo nominal cujo campo semântico é limitado/restringido pela oração relativa.

² O presente estudo buscou integrar as perspectivas de alunos e professores sobre ortografia (do ensino fundamental e médio) para identificar: (i) quais estratégias/abordagens de ortografia são relatadas por alunos que parecem ter dificuldades com a ortografia em comparação com aqueles alunos que estão progredindo além das expectativas para o nível de escolaridade. (Tradução nossa)

³ Uma produção em cadeia organizada por um supervisor e envolvendo trabalhadores com experiência semelhante teria talvez sido mais eficiente, e teria envolvido a remuneração de cada pessoa individualmente por peça ou por hora. Porém, neste caso, o que aconteceu (= a coisa que aconteceu) foi que a artista atuou como uma líder, convocando membros de sua família a participarem das atividades de acordo com suas habilidades. (Tradução nossa)

clandestino “com quem quer que seja”. (RANGEL; PEREIRA; BRONZATTO, 2017, p. 40)

- (2b) # O melhor presidente do Brasil até agora que transformou a vida de muitos trabalhadores [...] quero ver como vai ser com o Bolsonaro que só vai ferrar com o povo. **Quem viver** verá! # alexandre| Segunda-Feira, 01 de Abril de 2019, 08h47 # (DAVIES, 2018)⁴

Considerada um universal linguístico, conforme Bispo (2009) e Bispo e Furtado da Cunha (2019), a oração relativa tem sido investigada por muitos estudiosos e sob diferentes perspectivas, como mostram Bispo e Oliveira (2014). As relativas sem antecedente, em particular, denominadas relativas livres, são tratadas em diversas pesquisas, em sua maioria de cunho formalista (BRITO, 1988; MÓIA, 1992; MARCHESAN, 2012; BRAGA; KATO; MIOTO, 2009, para citar algumas). Braga (2018), diferentemente, faz uma interpretação funcionalista dessas orações, particularmente daquelas introduzidas por “quem”. A autora discute propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas implicadas nos usos desse tipo oracional, tomando por amostra anúncios de jornal e cartas particulares do século XIX, extraídos da plataforma de *corpora* do Projeto História do Português Brasileiro (BARBOSA, 2015).

Neste artigo, investigamos um conjunto específico de relativas sem antecedente introduzidas por “quem”, aquelas que integram adágios populares, como “Quem com cães se deita, com pulgas se levanta” e “Quem cala consente”, ilustrado em (3).

- (3) É como se a tal liberdade de imprensa proclamada e reivindicada aos quatro ventos tem como fonte o próprio diabo, e a vítima é sempre o “coitado” do Presidente e a sua família. Se calar diante da calúnia “é porque **quem cala consente**” e admite os fatos surgidos no submundo das inverdades e dos boatos. (DAVIES, 2018)

⁴ Optamos por manter a escrita dos trechos exatamente igual ao original, daí a presença de marcas de informalidade e/ou desvios quanto à norma escrita culta.

Tomando esses adágios como instâncias de uma construção complexa da qual faz parte a relativa sem antecedente, focalizamos suas propriedades formais e funcionais. Nessa direção, norteiam este empreendimento os

seguintes objetivos: i) caracterizar padrões morfossintáticos e de estrutura argumental das orações que compõem os adágios; ii) identificar o padrão esquemático que os licencia; iii) discutir aspectos semântico-cognitivos e interacionais relacionados com tais adágios.

O aporte teórico em que fundamentamos a investigação é a Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme delineada em Furtado da Cunha e Bispo (2013) e Rosário e Oliveira (2016). Trata-se de uma tendência funcionalista mais recente que incorpora contribuições da Gramática de Construções, na linha de Goldberg (2006, 2013), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014). Nessa direção, este trabalho se soma a investigações pioneiras, seja quanto à abordagem construcionista da oração relativa (BISPO, 2018), seja quanto ao tratamento funcionalista de um grupo específico desse tipo oracional, no caso, a relativa sem antecedente (BRAGA, 2018). O material empírico utilizado compõe-se de adágios catalogados por meio de levantamento prévio via *site* de busca Google e de ocorrências desses adágios extraídas de *sites* diversos.

Em termos estruturais, este artigo se organiza em cinco seções. Nesta primeira, de caráter introdutório, apresentamos objeto e objetivos de pesquisa; na seção seguinte, explicitamos aspectos metodológicos do trabalho; na terceira seção, caracterizamos a vertente teórica adotada; na sequência, vem a análise dos dados; e, por último, as considerações finais.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, este trabalho envolve aspectos quantitativos e, principalmente, qualitativos. Utilizamos, portanto, o método misto, que envolve a combinação de elementos da pesquisa qualitativa e da quantitativa com o propósito de ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o objeto de análise (JOHNSON; ONWUEGBUZIE; TURNER, 2007; CUNHA LACERDA, 2016). De acordo com Schiffrin (1987), a associação dos dois métodos de pesquisa, ainda que de forma assimétrica, permite ao pesquisador obter um número maior de ocorrências e uma análise adequada da formação e da estrutura de determinados padrões.

No caso da presente pesquisa, em particular, a natureza quantitativa está vinculada ao caráter mensurável dos adágios

identificados/elencados, os quais serviram para atestar empiricamente o fenômeno investigado e para caracterizá-lo em termos de modos de estruturação morfossintática e construções de estrutura argumental instanciadas. Em relação ao viés qualitativo, ele diz respeito à natureza explicativa/interpretativista do trabalho, no sentido de identificar aspectos semânticos, cognitivos e interacionais implicados na organização morfossintática da relativa sem antecedente introduzida por “quem” e em sua correlação com a oração matriz.

O banco de dados utilizado compõe-se de adágios em que figura a oração foco da pesquisa, os quais foram catalogados por meio de levantamento preliminar no *site* de busca Google. Foram listados 132 adágios, sendo a maioria deles (100, no caso) constituída por estruturas bioracionais e iniciada pela relativa com “quem”, a exemplo de “Quem canta seus males espanta”. Essa constatação levou à delimitação do parâmetro para a seleção dos períodos a serem analisados: a constituição por duas orações e a introdução pelo “quem”. Esse recorte permitiu trabalhar com um material empírico mais equacionado em termos de forma e de função.

Quanto ao tratamento dos dados, analisamos a estrutura morfossintática de cada uma das orações que compõem os 100 adágios, a fim de identificar e quantificar padrões formais e construções de estrutura argumental por eles instanciadas. Na análise qualitativa, o foco recaiu sobre a relação entre forma e função (relação icônica) com base em aspectos semânticos e na atuação de processos cognitivos e interacionais. Para tanto, consideramos ocorrências dos adágios em estudo extraídas de *sites da internet*.

Aporte teórico

Sustentam a discussão aqui empreendida pressupostos, princípios e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Segundo essa perspectiva, a codificação linguística é sensível a pressões internas e, sobretudo, externas à língua, atendendo a demandas de ordem cognitiva e comunicativa. A inter-relação entre linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico motiva a fixação de padrões gramaticais, via rotinização, com base em ambientes interacionais específicos (MARTELOTTA, 2011; FURTADO

DA CUNHA; BISPO, 2013). Assim, esses padrões emergem, variam e se modificam em decorrência do uso que deles é feito em situações reais de interação. Resulta daí uma concepção de gramática como conjunto de padrões linguísticos regulares aberto, fortemente suscetível ao uso e por ele intensamente afetado (MARTELOTTA, 2011).

Nesse contexto teórico, a linguagem é compreendida como um “um complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais estreitamente integrado a outros aspectos da psicologia humana” (TOMASELLO, 1998, p. IX). A língua, como parte desse mosaico, é vista como um código parcialmente arbitrário, dada sua adaptabilidade às demandas interacionais, sociais e cognitivas dos usos a que serve. Nos termos de Bybee (2010, p. 18), consiste em um “sistema adaptativo complexo”.

Em consonância com a Gramática de Construções (GC), a LFCU postula que a unidade básica da língua é a construção, aqui entendida como um pareamento de forma e função que tem significado próprio, esquemático, parcialmente independente dos itens que a compõem (GOLDBERG, 1995). Trata-se de uma generalização com base em instâncias de uso da língua em ambiente sócio-histórico e cultural específicos. Para Croft (2001, p. 19), em uma construção, as dimensões da forma e da função estão interligadas por elo de correspondência simbólica⁵. O polo da forma diz respeito a propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o polo da função, por sua vez, compreende propriedades semânticas, pragmáticas e/ou discursivo-funcionais relacionadas a uma determinada configuração estrutural. A função inclui as particularidades da situação descrita no enunciado, seu contexto de produção, os parceiros da interação, relações inferenciais de toda sorte, negociação de sentidos etc.

A construção é caracterizada pelas propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Conforme Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016, p. 57), são propriedades que se definem pela gradiência, o que nos leva a admitir a existência de construções menos ou mais esquemáticas, menos ou mais composicionais, menos ou mais produtivas.

“Esquematicidade” diz respeito ao fato de a construção servir como um modelo abstrato/virtual que captura a generalidade de padrões de uso. Nessa perspectiva, as

⁵ Para uma discussão sobre a natureza arbitrária da construção, ver Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016).

construções podem ser totalmente não especificadas (ou abertas), como o esquema oracional transitivo SN1 V SN2; parcialmente especificadas, como se pode ver na sequência “fazer SN” (fazer confusão, fazer bagunça); totalmente especificadas (ou idiossincráticas), tal como a expressão “Maria vai com as outras”. Essa propriedade está diretamente vinculada à gradiência das construções de uma língua, ou seja, entre as que são mais gerais, mais esquemáticas e as que são mais idiomatizadas, por isso mais particulares, mais fechadas (GOLDBERG, 2003; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013; ÖSTMAN; FRIED, 2005).

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 14), a produtividade relaciona-se ao grau em que uma construção mais esquemática sanciona outras menos esquemáticas (subesquemáticas ou microconstruções), ou seja, tem a ver com a extensibilidade de uma construção. É o que se dá, por exemplo, com o esquema S + SV, que pode sancionar diferentes estruturas menos esquemáticas, como a construção intransitiva (S V) ou a transitiva (S V O) ou a ditransitiva (S V OD OI)⁶. Essas duas propriedades estão relacionadas entre si, de modo que, quanto mais esquemática for uma construção, mais potencialmente produtiva ela será, no sentido de poder sancionar mais *types* ou microconstruções.

Já a composicionalidade se refere ao grau de transparência entre o polo da forma e o da função (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nessa direção, o grau de composicionalidade de uma construção se define na medida em que o significado de suas partes, representado na codificação formal, fornece pistas para o significado do todo. Tomemos como exemplo instâncias da construção [dar SN] nos seguintes períodos: (i) “O que ele faz é bom, mas não seria melhor dar o dinheiro para um orfanato ou para um idoso?”⁷. (ii) “Para não dar bandeira, ambos não postaram onde estavam. Eles fizeram também fotos com fãs”⁸. Em (i), há transparência entre forma e conteúdo, no sentido de que “dar” corresponde a uma ação de transferência e “dinheiro” codifica a coisa transferida; em (ii), contudo, não há a mesma correspondência, visto que o sentido do bloco “dar bandeira” não corresponde à soma do significado de suas partes, isto é, não codifica transferência, mas expressa ideia de “indiciar algo que se quer esconder”.

⁶ Embora existam configurações diferentes para as construções intransitiva, transitiva e ditransitiva, com o complemento antes do verbo ou com o sujeito posposto, por exemplo, optamos por representá-las com a ordenação mais comum dos elementos que as instanciam.

⁷ Oempresário boliviano que largou tudo para cuidar de cães (*site* do G1.com). Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

⁸ Anitta e Gabriel Medina são flagrados em clima de romance em SP. (*site* da revista *Istoé*). Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

Para a análise dos adágios, foco deste trabalho, consideramos a atuação do princípio da iconicidade, de processos cognitivos, notadamente metafóricos e metonímicos, e de questões interacionais, quais sejam, subjetividade, intersubjetividade e inferência pragmática.

Na Linguística Funcional norte-americana, iconicidade é definida como a relação motivada entre conteúdo e expressão (GIVÓN, 1984; HAIMAN, 1985). Nas palavras de Hopper e Traugott (2003, p. 27), iconicidade refere-se à “[...] propriedade de similaridade entre um item e outro”, isto é, entre um dado conceito e sua representação verbal. Nesse sentido, a estrutura linguística reflete, de algum modo, a função a que serve nas práticas comunicativas.

Evidências translinguísticas demonstram que acréscimos de conteúdo semântico têm correspondência na codificação formal (GIVÓN, 1995; CROFT, 2001). Assim, por exemplo, formas derivadas, que carregam mais conteúdo que as primitivas, são, em geral, maiores do que estas (preguiça > preguiçoso; casar > casamento).

Conforme Givón (1984, p. 48), a iconicidade compreende três subprincípios: quantidade, integração/proximidade e ordenação. De acordo com o primeiro subprincípio, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de material linguístico para codificá-la; ou quanto mais imprevisível (nova) for a informação para o interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada e vice-versa. O subprincípio da proximidade entre os constituintes preceitua que os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática. Por fim, o princípio da ordenação linear estabelece que os constituintes se ordenam, no tempo e no espaço, segundo pressões cognitivas. Desse modo, a iconicidade é estimulada por questões de clareza e transparência, de forma a reduzir a opacidade entre a forma linguística e seu correlato semântico e/ou pragmático.

No que diz respeito às projeções metafóricas e metonímicas, trata-se de operações cognitivas que envolvem mapeamentos, quer entre domínios, quer intradominiais. Na metáfora, ocorre mapeamento entre domínios conceituais, em que determinadas noções de um domínio são projetadas em outro (por exemplo, tempo é concebido em termos de espaço, daí expressões como “de hoje em diante” e “cinco anos atrás”).

Desse modo, um conceito é formulado em termos de outro pelo fato de compartilharem alguma(s) correspondência(s) conceitual(is) (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Já a metonímia, conforme assinalam Lakoff e Turner (1989, p. 22), constitui um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual. Em outras palavras, trata-se de um processo cognitivo por meio do qual se consegue chegar a uma entidade conceitual com base em outra de mesmo domínio, via contiguidade. As relações de contiguidade em que se baseiam os vários tipos de metonímia são diversas, incluindo não apenas o sentido espacial, mas também o temporal, o causal, o conceptual. São tradicionalmente designadas por “continente pelo conteúdo”, “causa pelo efeito”, “instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada”, “matéria pelo objeto de que é feita”, “parte pelo todo” etc. e o inverso de algumas dessas relações. Esses e outros tipos resultam, por vezes, de relações de contiguidade entre esquemas imagéticos, como, por exemplo, “parte-todo”, “percurso-lugar”, “origem-percurso-destino” (SILVA, 1997, p. 76).

Em termos interacionais, cabe considerar que qualquer evento comunicativo envolve ao menos dois participantes, o que implica um “eu” e um “você” (BENVENISTE, 1971 [1958]; LYONS, 1994 apud TRAUGOTT, 2010, p. 30). Para que esse evento seja bem-sucedido, é preciso que se levem em conta as necessidades comunicativas dos participantes, suas intenções, expectativas, além das condições de produção.

Nessa direção, para Traugott e Dasher (2002, p. 20), a subjetividade compreende uma atitude pela qual os falantes tendem a demonstrar e codificar suas perspectivas e ideias advindas das trocas interacionais. Ainda segundo eles, a subjetividade é uma das principais motivações para a mudança semântica e verifica-se em nível de discurso, por meio das escolhas linguísticas que o falante faz na interação comunicativa, as quais sinalizam objetivos discursivos específicos. Assim, a subjetividade representa o papel do falante/escritor na interação, por intermédio da expressão de sua atitude, para fins de modalização, de evidencialidade ou de argumentação, por exemplo.

Já a intersubjetividade está relacionada com a consideração do “outro” na codificação como participante da interação. Envolve a expressão da atitude do falante em relação ao

ouvinte, estratégias de negociação de sentido, de preservação da face, de monitoramento de ações e reações, de aproximação/distanciamento entre os parceiros no processo comunicativo (SCHIFFRIN, 1990; TRAUGOTT; DASHER, 2005; BISPO; SILVA, 2013; BISPO; CARVALHO, 2015).

Ao interagirem, os falantes criam e negociam significados, amparados no conhecimento que compartilham ou supõem compartilhar e nas inferências que podem fazer no ato comunicativo. Trata-se da inferência pragmática, a qual diz respeito ao processo interacional em que o falante, ao utilizar uma dada expressão linguística diferente do convencional, conta com a colaboração do ouvinte para que este apreenda (ou infira) o significado pretendido. Dessa forma, a inferência pragmática vincula-se às necessidades comunicativas dos falantes e motiva a criação de novos pares de forma-sentido, à medida que os atos comunicativos realizados exigem a interpretação de um determinado elemento linguístico de modo diferente do comum. Esse novo uso pode acarretar convencionalização e rotinização, de modo que essa associação passa por uma reanálise⁹ estrutural e/ou semântica.

Forma e função de relativas sem antecedente introduzidas por *quem*

Conforme dito na seção sobre metodologia, os 100 provérbios investigados compõem-se de duas orações, sendo a primeira delas a relativa e a segunda a oração matriz. Em quase todos os adágios (94), a relativa livre funciona como sujeito da oração da matriz, conforme ilustra (4), em que a oração “quem conta um conto” é sujeito de “aumenta um ponto”.

- (4) A gente fala A, entendem B e espalham C. **Quem conta um conto, aumenta um ponto.** Quando uma história/fofoca chegar até você, lembre-se que antes de você ela percorreu um longo “caminho” e pode ter sido modificada várias vezes. Acredite apenas nos seus olhos e ouvidos! (SOUZA, 2018)

Quanto à configuração morfossintática das orações que integram esses adágios, os dados apontam grande variedade de padrões estruturais. Foram encontrados 29 padrões para

⁹ A reanálise consiste na reinterpretação de uma estrutura morfossintática à qual se atribui um novo uso e/ou novo significado. É o que acontece, por exemplo, com *um monte de X*, em que *monte* perde o valor referencial e passa a designar quantidade, conforme estes casos: *um monte de Portugal*, segmentável como [UM MONTE] + [DE PORTUGAL], com referência a um acidente geográfico português; *um monte de atividades*, cuja segmentação é reinterpretada como [UM MONTE DE] + [ATIVIDADES], designando muitas atividades.

a relativa sem antecedente e 37 para a segunda oração. Em termos de construção de estrutura argumental, o padrão mais recorrente é o transitivo, com 50% das ocorrências no caso da primeira oração (a relativa) e 49% para a segunda (a oração matriz), conforme exemplificado na amostra em (4). Ocorreram as configurações QUEM VTD OD (“Quem semeia vento”, em (5)) e QUEM OD VTD (“Quem tudo quer”, em (6)) ou QUEM VTD (“Quem desdenha”, em (7)), com OD elidido, no caso da relativa; VTD OD (“colhe tempestade”, em (5)), OD VTD (“tudo perde”, em (6)) ou VTD apenas (“quer comprar”, em (7)), com OD elidido, no caso da oração matriz. Nessas situações, o sujeito da matriz é oracional (S_{OR}). Seguem amostras:

- (5) **Quem semeia vento colhe tempestade.**... Só me preocupo com a terrível situação do querido Lula, do povo sem terra, dos indígenas e dos pobres nordestinos que nunca se omitem. (NASSIF, 2018)
- (6) **Quem tudo quer, tudo perde,** e o mais triste é não perceber que a esma ambição que motivou por tanto tempo, se fosse um tanto mais comedida e andasse de mãos dadas com outras ambições, lado a lado, se transformaria num grande e valioso ganho. (FREIRE, 2016)
- (7) Não conheces as mulheres.. foi para elas que se inventou o provérbio **“Quem desdenha quer comprar”**. - Em todo o caso não desanimarei sem ter esgotado até o último recurso. (DAVIES, 2015)

O segundo padrão mais recorrente foi o intransitivo, em ambas as orações, com os percentuais 29% para a relativa e 28% para a oração matriz. Foram frequentes as configurações QUEM VI, com ou sem ADJ ADV, para a primeira oração, e VI com ou sem ADJ ADV, para a segunda, tendo o ADJ ADV posição variável (pré e/ou pós-verbal). Como ilustração, vejamos estes dados:

- (8) amigo meu riu da minha cara quando falei que medito todas as manhãs antes de operar o mercado! Ele vive tomando ferro no INDFUT! A minha performance aumentou exponencialmente! **quem ri por último ri melhor.** (RELOADED, 2020)

- (9) Diz o dito popular: “*Quem não chora não mama*”. Por isso mesmo, postei no face “Tu vai no meu show sábado no Mercado Cultural? Vai la por favor. Sete da Noite”. O choro valeu a pena, dezenas de amigos estão curtindo, comentando e compartilhando. Vamos nessa que garanto que a festa vai ser das melhores.” (KATRAKA, 2018)

Outros padrões identificados envolvem: i) o transitivo relativo, presente na primeira oração de “Quem vai ao mar perde o lugar”; ii) o predicativo, na adjetiva em “Quem é rei não perde a majestade”; iii) o ditransitivo (com complementos explícitos ou não), conforme em ambas as orações do adágio “Quem dá aos pobres empresta a Deus”; iv) o causativo, representado na primeira oração de “Quem de mel se faz moscas o comem”; v) o passivo, ilustrado pela oração matriz em “Quem com ferro fere com ferro será ferido”; vi) o de movimento causado, na segunda parte do provérbio “Quem quer a sardinha assada chega-lhe a brasa”.

Na tabela 1¹⁰, sintetizamos, quantitativamente, os padrões de estrutura argumental encontrados na amostra utilizada, tanto para a relativa (1) quanto para a oração matriz (2). É possível observar semelhança na frequência desses padrões em ambas as orações.

¹⁰ Esclarecemos que a disposição dos tipos de estrutura argumental, nas linhas da tabela, se deu com base na ordem decrescente da frequência com que ocorreram em cada oração dos adágios separadamente. Significa que os quantitativos de uma mesma linha da tabela não dizem respeito, necessariamente, às orações 1 e 2 de um mesmo adágio.

Tabela 1. CEA em orações de adágios com adjetivas introduzidas por *quem*

Oração 1			Oração 2		
Tipo de estrutura argumental	N	%	Tipo de estrutura argumental	N	%
Transitiva	50	50	Transitiva	49	49
Intransitiva	29	29	Intransitiva	28	28
Transitiva relativa	10	10	Predicativa	9	9
Predicativa	6	6	Transitiva relativa	7	7
Ditransitiva	4	4	Ditransitiva	4	4
Causativa	1	1	Causativa	1	1
Movimento causado	0	0	Movimento causado	1	1
Passiva	0	0	Passiva	1	1
Total	100	100	Total	100	100

Fonte: elaboração própria

Considerando as diferentes configurações exibidas pelos adágios, foi possível identificar um padrão esquemático mais geral que licencia todas as instâncias consideradas nesta pesquisa. Esse padrão tem a seguinte representação: [[QUEM + V + (X)] [V + (X)]]. Esse esquema é parcialmente (minimamente) especificado, dado que possui um elemento fixo, no caso, o pronome “quem”. Outro elemento é identificado apenas em termos de categoria, no caso V, podendo ser representado por um amplo conjunto de verbos. Por fim, os *slots* indicados por X, de natureza opcional, podem ser preenchidos por uma gama diversa de elementos, agrupados em, pelo menos, três categorias: argumento, adjunto e predicativo. Dadas as posições em aberto e a variada possibilidade de preenchimento dos *slots*, trata-se de uma construção complexa com alta esquematicidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Em associação à alta esquematicidade, as diferentes construções de estrutura argumental instanciadas pelos adágios em estudo e os variados padrões morfossintáticos por eles exibidos mostram a produtividade do esquema geral que os representa. Em outros termos, estão relacionados com o grau de extensibilidade desse esquema geral, no sentido de que ele sanciona um conjunto amplo de padrões microestruturais. Conforme mostra a tabela 1, foram identificados oito padrões de estrutura argumental distintos, os quais, por sua vez, licenciam subpadrões caracterizados por arranjos sintáticos diversos.

Do ponto de vista da composicionalidade, os adágios populares veiculam conteúdo não literal, de modo que o significado do todo não corresponde à totalidade do significado de suas partes componentes. Contudo, alguns dos adágios aqui considerados parecem remeter ao significado dedutível da soma dos significados de seus constituintes, como se dá em “Quem casa quer casa”, no qual a associação entre contrair matrimônio e (pretender) conseguir um local privativo para morar é apreendida por meio da análise do significado dos elementos que integram esse provérbio. Outros, porém, exibem mais opacidade na fusão entre forma e função, de modo que o sentido do todo não é calculado com base no sentido das partes, a exemplo do que ocorre em “Quem com os cães se deita com pulgas se levanta” ou em “Quem se mistura com porcos farelo come”, nos quais não se trata, de fato, de cão e porco e de suas especificidades (ser alvo de pulgas e alimentar-se de farelo,

respectivamente). A ideia veiculada é, na verdade, a de que o indivíduo tende a adquirir/exibir os hábitos/comportamento daqueles com quem convive. Há, ainda, os que apresentam situação intermediária entre transparência e opacidade, conforme se dá com “Quem tudo sabe nada sabe”, no qual o verbo “saber” é usado em seu sentido básico (conhecer, ter conhecimento), o que auxilia diretamente a apreensão do significado do todo, conquanto os elementos em oposição (tudo/nada) estejam empregados hiperbolicamente, remetendo às ideias de “muito” e “pouco”, respectivamente. Assim sendo, é possível falar em graus variados de composicionalidade, de sorte que há adágios composicionais, não composicionais e mais ou menos composicionais.

A propósito da semântica dos adágios e, em particular, das orações que os integram, observamos a existência de um contraponto entre o conteúdo da primeira e o da segunda oração. Trata-se de um jogo de ideias entre as partes do adágio, refletido também na expressão (forma). Consideremos (6) e (10).

(6) **Quem tudo quer, tudo perde**, e o mais triste é não perceber que a mesma ambição que motivou por tanto tempo, se fosse um tanto mais comedida e andasse de mãos dadas com outras ambições, lado a lado, se transformaria num grande e valioso ganho. (FREIRE, 2016)

(10) O time de Dunga voltou mais incisivo. E **quem com ferro fere, com ferro será ferido**. Logo a os 2 minutos, em jogada de bola parada de Forlán, o zagueiro Juan teve vantagem sobre Micael e colocou em o cantinho de Martini para empatar partida. (DAVIES, 2018)

Em (6), é possível observar que o conteúdo do adágio se assenta no jogo entre “querer tudo” e “perder tudo”. Constrói-se uma espécie de oposição entre as ideias codificadas por esses termos, no sentido de que a primeira oração, com o uso de “querer”, conduz à perspectiva de obtenção de algo ao passo que, na segunda, se indica a quebra dessa expectativa. Esse contraponto de conteúdo é espelhado na forma: há um paralelismo entre as orações, em que ocorre a sequência OD VTD, nessa ordem, com a substituição de “querer” por “perder”, usados em relação de oposição.

Já em (10), o contraponto se dá por meio de uma reversão de conteúdo e de forma, revelando também o caráter icônico. A informação veiculada pelo adágio refere-se à ideia de alguém prejudicar outra pessoa de uma dada maneira e, posteriormente, ser alvo do mesmo mal causado e nas mesmas condições. Essa reversão no plano do conteúdo é espelhada na codificação das orações que compõem o adágio: a primeira exibe estrutura ativa ao passo que a segunda se apresenta como construção passiva.

Também verificamos uma relação de causalidade entre a relativa e a oração matriz, no sentido de que o conteúdo da primeira é normalmente tomado como causa/condição do que é expresso na segunda, sendo esta o efeito, o resultado, a consequência. Observemos o que se dá em (5) e (9), retomados a seguir:

(5) **Quem semeia vento colhe tempestade...** Só me preocupo com a terrível situação do querido Lula, do povo sem terra, dos indígenas e dos pobres nordestinos que nunca se omitem. (NASSIF, 2018)

(9) Diz o dito popular: *“Quem não chora não mama”*. Por isso mesmo, postei no face “Tu vai no meu show sábado no Mercado Cultural? Vai la por favor. Sete da Noite”. O choro valeu a pena, dezenas de amigos estão curtindo, comentando e compartilhando. Vamos nessa que garanto que a festa vai ser das melhores.” (KATRAKA, 2018)

Em (5), podemos observar a relação causa-efeito entre as orações que integram o período “Quem semeia vento colhe tempestade”, sendo o conteúdo da relativa (Quem semeia vento) tomado como causa do que é expresso na oração matriz. Isso porque a semeadura (plantio) de dada semente (vento) acarreta posterior colheita de frutos do que é semeado (tempestade), geralmente em maior proporção.

O adágio “Quem não chora não mama”, em (9), codifica também uma relação de causalidade, estando subjacente a ele uma condição: o choro (apelo/invocação) é requisito para a amamentação (alcance de dado objetivo). No caso comentado pelo redator da postagem, o apelo a amigos (com invocação, chamamento de atenção) foi o que impulsionou a divulgação do *show* a ser realizado. A condicionalidade implicada pode ser

facilmente percebida por meio da paráfrase “Se (não) chorar, (não) vai/consegue mamar”.

A relação de causalidade, nos adágios analisados, está estreitamente relacionada à iconicidade, particularmente quanto ao subprincípio da ordenação linear. A disposição das orações que os constituem reflete a sequência cronológica em que os eventos por elas codificados ocorreram ou foram percebidos. Nessa direção, por exemplo, “semear (vento)” antecede “colher (tempestade)”, “chorar” precede “mamar”. Isso mostra que, conquanto os provérbios representem formas relativamente cristalizadas, com significados não literais, convencionalizados e geralmente caracterizados pela opacidade entre forma e conteúdo (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2019), várias instâncias de adágios com relativas introduzidas por “quem” exibem iconicidade na relação forma-função.

Os sentidos conotativos carregados pelos provérbios ligam-se à atuação de processos cognitivos, como projeções metafóricas e metonímicas. De modo geral, os sentidos desses elementos são metaforizados, resultantes de operações cognitivas que implicam o mapeamento entre domínios conceituais. Há, porém, casos de mapeamento entre ideias de um mesmo domínio. Vejamos, por exemplo, o que se dá em (11) e (12).

- (11) Ex-entusiasta da entrada de Luciano Huck na disputa presidencial, Fernando Henrique Cardoso agora diz que não haverá um candidato identificado com o “novo” na eleição. “Acho que precisa do novo. Cadê o novo? Como é que faz? **Quem não tem cão caça com gato.** Tem que ver desses qual é o melhor”, declarou o tucano, durante palestra em São Paulo. (FHC, 2018)
- (12) O caso ganhou repercussão. Em Pombos, a 58 km do Recife, muitas pessoas ficaram surpresas com o crime cometido pelo pedreiro. “Se na comunidade ele mostrava ser uma pessoa, dentro de casa ele demonstrava ser outra. Então **quem vê cara não vê coração.** Realmente é revoltante”, afirmou a dona de casa Flávia Otaciliana da Silva. (DAVIES, 2018)

O sentido dos adágios em (11) e (12) não é literal, mas metaforizado. Não se trata, a rigor, de animais domésticos e de partes/órgãos do corpo humano, respectivamente. Em

(11), há uma associação entre “cão” (animal tradicionalmente considerado propício à caça) e condições favoráveis à realização de determinada tarefa; por contraste, relaciona-se “gato” (animal não comumente propício à caça) a condições não adequadas ao desenvolvimento de certa atividade. Podemos propor a metáfora conceitual CONDIÇÃO ADEQUADA É ANIMAL DE CAÇA (cão, no caso), um subtipo da metáfora A VIDA É UMA LUTA/GUERRA. No caso em particular, um nome novo para o PSDB apresentar como candidato à Presidência da República em 2018 (a eleição implica disputa/embate/confronto; guerra, portanto) é associado ao cão (animal aliado do homem na perseguição à caça). Desse modo, o nome novo, representado metaforicamente pelo “cão” (aliado de caça), daria mais chances ao PSDB na disputa eleitoral. A ausência de um candidato adequado, porém, leva à proposição de um nome que se aproxime dos anseios do partido, representado, no adágio, por “gato”, que simboliza o cenário não (tão) propício para essa disputa¹¹. É oportuno destacar que essas operações cognitivas têm um pano de fundo sociocultural, no sentido de implicar, por exemplo, o conhecimento compartilhado sobre a relação entre cães e gatos e sobre atividades de caça praticadas por humanos com auxílio de cães.

Na ocorrência em (12), são estabelecidas, pelo menos, duas relações: i) entre fisionomia do indivíduo, designada pelo termo *cara* (parte externa), e seu caráter aparente; ii) entre coração (órgão interno) e sentimentos, índole, caráter real de determinada pessoa. Com base no esquema imagético do contêiner, em que o corpo e/ou suas partes são tomados como recipientes, em relação aos quais algo pode estar dentro ou fora (sentimentos, sensações, ideias etc.), é plausível inferir metáforas conceituais do tipo CARÁTER APARENTE É COMPLEIÇÃO FÍSICA e CARÁTER REAL É CORAÇÃO, as quais parecem subjazer o adágio em questão. Também aqui destacamos a base sociocultural da constituição dessas relações, o que envolve, por exemplo, a atitude comum de as pessoas julgarem o caráter de outra(s) pela aparência física ou pelo comportamento social por ela(s) demonstrado e a não coincidência desse julgamento com a real índole do(s) indivíduo(s) avaliado(s).

Assim sendo, nos dois casos, dá-se o mapeamento de um domínio abstrato (o das relações humanas, interpessoais,

¹¹ Temos, aqui, um caso de metáfora situada complexa, ligada a uma situação que envolve um domínio conceitual superordenado, o qual compreende domínios distintos (o da caça e o da política) num nível intermediário, e uma mescla entre esses domínios. Não detalharemos esse aspecto por não ser o foco deste artigo.

envolvendo condições adequadas ou não para fazer tarefas (11) e a percepção de estados de espírito ou de índole de congêneres (12)) com base em um domínio mais ancorado na concretude (o das experiências biofísicas, como a atividade de caça e a referência a partes do corpo humano).

Cabe observar que, em (12), ocorre também um processo metonímico antes do metafórico, numa relação parte-todo. Os termos “cara” (parte externa) e “coração” (órgão interno) são empregados para designar os próprios humanos. Nesse caso, ocorre mapeamento dentro de um mesmo domínio, o da relação entre o corpo humano e suas partes, envolvendo, portanto, contiguidade conceitual.

Associados a essas operações cognitivas atuam processos sociointeracionais, a exemplo da inferência pragmática e da intersubjetividade, conforme Traugott e Dasher (2005). Em (11), conforme dito anteriormente, o sentido de “Quem não tem cão caça com gato” não é literal. No contexto, uma declaração atribuída a Fernando Henrique Cardoso, a ideia comunicada é a de que, em não havendo um nome ideal/adequado para candidato à Presidência da República pelo PSDB, deve-se recorrer ao nome mais próximo desse ideal. Esse conteúdo é codificado por meio do adágio referido. Para fazer com que o interlocutor chegue à compreensão adequada, o falante o convida a engajar-se no jogo comunicativo, a calcular o sentido pretendido por meio de pistas co(n)textuais (disputa eleitoral, inexistência de um nome novo para o PSDB indicar como candidato à Presidência da República, sugestão de indicar alguém que se aproxime do nome ideal). Trata-se de um processo de negociação de sentidos, de forma que o interlocutor faça o entendimento esperado (e adequado) do provérbio em questão.

Naturalmente, esse processo implica a consideração do parceiro da interação, em termos do conhecimento por ele partilhado, do que ele supõe ser a intenção do falante, de sua disposição em aceitar o convite para engajamento no jogo comunicativo, entre outros. Implica, portanto, o envolvimento de mecanismos subjetivos e intersubjetivos no processo interacional.

Considerações finais

Com base em pressupostos da LFCU, demos um tratamento funcional-construcionista a estruturas bioracionais que compõem adágios populares com relativas sem antecedente introduzidas por “quem”. O estudo permitiu discutir aspectos semânticos, cognitivos e interacionais envolvidos nos usos desses elementos.

Em termos estruturais, verificamos que esses adágios exibem configurações morfossintáticas variadas, com predomínio do padrão construcional transitivo. Identificamos oito construções de estrutura argumental instanciadas pelas orações que integram os adágios que compuseram a amostra considerada, a saber: transitiva, intransitiva, transitiva relativa, predicativa, ditransitiva, causativa, de movimento causado e passiva. Observamos certa equivalência quantitativa dos padrões de estrutura argumental encontrados em cada uma das orações, a relativa e a matriz.

Esses distintos padrões de estrutura argumental podem ser capturados por um esquema maior, representado formalmente por $[[\text{QUEM} + \text{V} + (\text{X})] [\text{V} + (\text{X})]]$. Trata-se de uma estrutura complexa, com alto grau de esquematicidade, visto que possui apenas um elemento fixo; com relativa produtividade, dado que sanciona diversas construções de estrutura argumental, as quais podem manifestar-se por diferentes arranjos morfossintáticos; e com graus variados de composicionalidade.

Em termos funcionais, a análise dos adágios revelou que a configuração morfossintática das orações que os integram relaciona-se a questões diversas: i) semânticas, tais como contraponto/jogo de ideias, relação de causalidade (causa-efeito, envolvendo condição, finalidade); cognitivas (mapeamentos entre domínios conceituais distintos e/ou dentro de um mesmo domínio); e iii) interacionais, em termos de inferência pragmática e processos subjetivos e intersubjetivos. Constatamos também que, embora a opacidade seja comum aos idiomatismos, é possível recuperar/identificar relação motivada entre forma e conteúdo nos adágios de que nos ocupamos via subprincípio da ordenação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Afrânio Gonçalves (Org.). *Corpus Histórico do Português Projeto Nacional Para História do Português Brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 5 fev. 2020.

BENVENISTE, Émile. Subjectivity in language. In: MEEK, Mary Elizabeth; GABLES, Carol (Eds.) *Problems in General Linguistics*. FL: University of Miami Press, 1971 [1958]. p. 223-230.

BISPO, Edvaldo Balduino. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. 2009. 164f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

_____. Relativa restritiva em perspectiva construcional. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 28-44, set. 2018.. ISSN: 2237-6321. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-6esp1200>. Acesso em: 5 fev. 2020.

_____; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A subordinação adjetiva. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *História do Português Brasileiro*, vol. 5 - Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2019. p. 132-169.

_____; SILVA, José Romerito. Aspectos (inter)subjetivos no uso de sufixos graduadores nominais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA, 17, 2012. *Anais [...]* Natal/RN: EDUFRN, 2013, p. 80-90.

_____; OLIVEIRA, Mariangela Rios. *Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas*. Niterói-RJ: EDUFF, 2014.

_____; CARVALHO, Vanessa Guedes de. Sufixos graduadores nominais: aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. *Intersecções*, Jundiaí, v. 17, p. 135-157, 2015.

BRAGA, Aline Priscilla Albuquerque. *Relativa livre introduzida por 'quem': uma interpretação funcionalista*. 2018. 129f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

BRAGA, Maria Luíza; KATO, Mary; MIOTO, Carlos. As construções-Q no português brasileiro culto falado: relativas, clivadas e interrogativas. In: KATO, Mary; NASCIMENTO, Milton do (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 3. Campinas: Unicamp, 2009. p. 19-42.

BRITO, Ana Maria Barros de. *A sintaxe das orações relativas em português*. Porto: Correio do Minho, 1988.

BYBEE, Joan. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.

COCA. Corpus of Contemporary American English. Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>. Acesso em: 7 fev. 2020.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane do Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, n. especial, p. 83-101, 2016.

DAVIES, Mark. *O Corpus do Português NOW*, 2018. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 19 mai. 2019.

FHC: 'Quem não tem cão caça com gato'. *O Antagonista*, 28 mai. 2018. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/fhc-quem-nao-tem-cao-caca-com-gato/>. Acesso em: 02 mai. 2019.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, Natal-RN, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>. Acesso em: 18 dez. 2019.

FREIRE, Emilia. Quem tudo quer, tudo perde. *CONTI outra*, 17 abr. 2016. Disponível em: <https://www.contioutra.com/quem-tudo-quer-tudo-perde>. Acesso em: 16 abr. 2019.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. *Revista Soletras*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 103-116, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38075>. Acesso em: 22 jan. 2020.

_____; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, volume especial, p. 55-67, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5438>. Acesso em: 18 dez. 2019.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v. 1.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, Illinois, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

HAIMAN, John. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh (UK): EUP, 2014.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JOHNSON, R. Burke; ONWUEGBUZIE, Anthony J.; TURNER, Lisa A. Toward a definition of mixed methods research. *Journal of Mixed Methods Research*, Surrey, UK, n. 1. p. 112-133, 2007.

KATRAKA, Zé. Diz o dito popular: 'Quem não chora não mama'. *NewsRondônia*, 06 dez. 2018. Disponível em: <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/lenha+na+fogueira+diz+o+dito+popular+quem+nao+chora+nao+mama/120652>. Acesso em: 16 mai. 2019.

KEENAN, Edward L. Relative clauses. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language typology and syntactic description*, v. 2: Complex Constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 141-170.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago/ London: UCP, 1989.

LYONS, John. Subjecthood and subjectivity. In: YAGUELLO, Marina (Ed.). *Subjecthood and Subjectivity: the status of the subject in Linguistic Theory*. Paris: Ophrys/London: Institut Français du Royaume-Uni, 1994. p. 9-17.

MARCHESAN, Ani Carla. *As Relativas Livres no Português Brasileiro*. 2012. 227f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MÓIA, Telmo. A. *Sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português*. 1992. 175f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

NASSIF, Lourdes. Multimídia do dia. *GGN: o jornal de todos os Brasis*, 08 out. 2018. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/noticia/multimidia-do-dia-1851/>. Acesso em: 07 maio 2019.

NICHOLS, Johanna. Another typology of relatives. *Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, v. 10, 1984, p. 524-541.

ÖSTMAN, Jan-Ola.; FRIED, Mirjam (Eds.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

RANGEL, Rodrigo; PEREIRA, Daniel; BRONZATTO, Thiago. A chapa esquentou. *Veja*, São Paulo, ano 50, n. 10, edição 2520, p. 35-37, 8 mar. 2017.

RELOADED, MWpatterns. amigo meu riu da minha cara quando falei que medito todas as manhãs antes de operar o mercado! Ele vive tomando ferro no INDFUT! A minha performance aumentou exponencialmente! quem ri por último ri melhor. s/l, 29 jan. 2020. Twitter: @MWpatterns. Disponível em: <https://twitter.com/MWpatterns/status/1222574393827655682>. Acesso em: 29 jan. 2020.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 60, p. 233-259, 2016.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. The management of a co-operative self during argument: The role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, Allen D. (Ed.). *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 241-259.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia da UCB, p. 59-101, 1997.

SOUZA, Raphaela. A gente fala A, entendem B e espalham C. **Quem conta um conto, aumenta um ponto**. Quando uma história/fofoca chegar até você, lembre-se que antes de você ela percorreu um longo “caminho” e pode ter sido modificada várias vezes. Acredite apenas nos seus olhos e ouvidos! s/l, 3 abr. 2018. Twitter: @desouzaraphaela. Disponível em: <https://twitter.com/desouzaraphaela/status/981291030023737344>. Acesso em: 28 fev. 2020.

TOMASELLO, Michael. Introduction: a cognitive-functional perspective on language structure. In: _____. (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: LEA, 1998. p. vii-xxiii.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (Eds.), *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 29-70.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Abstract

Quem cala consente: functional-construcionist approach to headless relative clauses introduced by quem

In this paper we investigate the use of the headless relative clauses introduced by “who” in formulaic expressions, such as “Quem casa quer casa”, considering its morphosyntactic organizing forms, argument structure patterns, semantic, cognitive and socio-interactional aspects related to it. The study is qualitative and quantitative and it is supported theoretically by Usage-based Functional Linguistics (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013) and Construction Grammar (GOLDBERG, 2006; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013). The database are 100 formulaic expressions taken from Google. The results show that the morphosyntactic configuration of the clauses that constitute the formulaic expressions is related to semantic aspects (counterpoint / language game, cause-effect relations), interactional factors (pragmatic inference, inter/subjectivity) and cognitive aspects (metaphorical and metonymic projections).

Keywords: *Usage-based Functional Linguistics. Construction Grammar. Formulaic expressions. Headless relative.*